

Citibank lidera alta de juros

Roberto Garcia

Correspondente

Washington — Vários bancos americanos anunciaram ontem aumento de 0,25 pontos percentuais na taxa preferencial de juros que cobram nos empréstimos tanto para seus maiores clientes no país como para governos estrangeiros devedores. O Chemical Bank, o Bankers Trust, Manufacturer's Hanover, Security Pacific e Mellon Bank imitaram assim o Citicorp e o Chase Manhattan que, na terça-feira, subiram a **prime rate** para 7,75%. Segundo fontes financeiras de Nova Iorque, a decisão desses bancos reflete seu desejo de compensar, pelo menos parcialmente, os prejuízos que já começaram a lançar em seus balanços referentes ao primeiro trimestre em virtude da suspensão do pagamento de juros pelo Brasil.

O aumento das taxas preferenciais de juros foi liderado pelo Citibank, o maior banco privado americano, que justificou seu gesto apontando para o custo mais alto dos recursos que obtém no mercado. O Chase Manhat acompanhou o Citi horas mais tarde e a adesão de outros grandes centros financeiros do país levou analistas a preverem que a medida vai se generalizar nos Estados Unidos. Bancos importantes que ainda não imitaram o Citibank são o Morgan, o First National Bank of Chicago e o Bank of America.

Esse aumento da **prime rate** foi o primeiro

desde meados de 1984, quando as taxas preferenciais de juros subiram temporariamente para 13%, interrompendo uma queda quase contínua desde o nível sem precedentes registrado no fim de 1980 — 21%.

O aumento da taxa de juros está ocorrendo num período de grande turbulência nos mercados financeiros, causados pela queda do valor do dólar em relação ao ien japonês, pelo acirramento das disputas comerciais entre Washington e Tóquio e também pela suspensão dos pagamentos da dívida brasileira. Na segunda-feira, a bolsa de Nova Iorque registrou uma queda de 50 pontos.

Em certo grau, a medida é estimulada pelos sinais de aceleração do crescimento econômico americano e de maior inflação, bem como pela aparente tolerância do Banco Central americano, o Federal Reserve.

Segundo Cynthia Latta, analista financeira da Data Resources, os grandes bancos tiveram que passar a pagar juros mais altos para atrair certificados de depósitos de mais de 100 mil dólares, "para estimular investidores assustados com a suspensão dos pagamentos determinada pelo governo Sarney". Normalmente os bancos cobram de seus clientes entre 1,25 e 1,5% acima do que pagam aos seus grandes depositários. Nas últimas semanas essa margem de lucro estava caindo para 1% e por isso Robert Brusca, economista chefe da Nikko

Securities, afirmou que o aumento da taxa de juros era esperado.

Também ontem, pela primeira vez dois grandes bancos americanos lançaram os empréstimos que fizeram ao Brasil na lista dos que não rendem juros. O Bank of America reclassificou 1,9 bilhão de sua dívida brasileira e o Morgan 1,3 bilhão. A decisão do bank of America reduzirá seus lucros no primeiro trimestre em 40 milhões de dólares. O banco acrescentou que, se o Brasil não pagar juros até o fim do ano, seus prejuízos aumentarão em mais 100 milhões. No caso do Morgan, a reclassificação dos empréstimos brasileiros implica um prejuízo de aproximadamente 20 milhões de dólares no primeiro trimestre de 1987 e mais 72 milhões de dólares até o fim do ano.

Segundo informações não confirmadas, no início desta semana tanto o Banco Central americano quanto a FDIC (empresa federal que proporciona seguro para os depósitos de bancos particulares nos Estados Unidos) e o controlador da moeda (órgão que regulamenta os bancos do país) decidiram classificar como **substandard** toda a dívida brasileira. A classificação **substandard** está imediatamente abaixo da mais grave, que é a de **non-accrual**, que quando é atingida força os bancos a lançarem seus empréstimos que não rendem juros como prejuízo.